

Évora: Algumas Etapas Fundamentais na Evolução da Cidade até ao Século XVI

Maria Domingas V. M. Simplício *

RESUMO

A fundação de Évora remonta a um período anterior à ocupação romana adquirindo, a cidade, nesta época uma importância regional assinalável motivada provavelmente pela sua localização, num ponto alto de separação de três bacias hidrográficas e simultaneamente no cruzamento de várias estradas militares. A importância da cidade romana manifesta-se tanto sob o ponto de vista sócio-económico, como artístico e monumental tendo ficado, deste período áureo para o desenvolvimento da cidade, alguns vestígios que ainda persistem.

Os domínios visigótico e árabe, que se sucederam à queda do Império Romano, terminaram em 1165, quando a cidade foi integrada na coroa de D. Afonso Henriques. Durante todo este longo período, de que poucos testemunhos ficaram, Évora manteve-se um centro económico e militar importante, mas a sua importância cultural decaiu bastante.

O primeiro monarca português converteu a cidade num centro estratégico e político importante, mas até ao séc. XIV a urbe confinou-se ao interior da cerca velha (de fundação romana), sendo a Mouraria e a Judiaria as primeiras comunidades que se instalaram nos arrabaldes.

Mas, se a partir daqui o prestígio da cidade, em termos nacionais, continua a ser notório, o século XVI constitui o culminar dessa época de riqueza e importância política, económica, cultural e artística já que aqui se instalou a corte por longos períodos originando a construção do Paço Real, de palácios e casas solarengas, conventos, igrejas, colégios e outros edifícios notáveis.

Palavras-chave: Evolução urbana, cidade romana, cidade medieval, estrutura urbana

ABSTRACT

The foundation of Évora remounts to a period that was prior to the roman occupation, when the city reached a remarkable regional prominence. The importance of the roman city respects not only the economic and social subjects but also the artistic and monumental features; some material traces of that brilliant times can still be seen nowadays.

Visigothic and Islamic domination had its end in 1165, with the conquest and establishment within the Portuguese Kingdom of Afonso Henriques. Throughout this long period, Évora remained an important economic and military center, although its cultural influence has declined.

It was only in the 14th century that the city spread out the Old Wall, with the settlement of the Jewish and Moslem communities. However, if from then onwards Evora's national prestige is still great, the 16th century represents the culmination of that epoch of richness and economical, cultural and political prominence of the city, which was supported by the presence of the Court for long periods, increasing an important urban development.

Keywords: Urban evolution, roman city, medieval city, urban structure

* Universidade de Évora - Departamento de Geociências

1. A Cidade Romana

Apesar do interesse dedicado à clarificação das questões relacionadas com as origens da cidade de Évora, não foi ainda possível obter uma opinião de consenso dos diversos investigadores, no que se refere à época e iniciativa da fundação da cidade.

Alguns autores atribuem a fundação desta cidade aos Eburones (antigos povos de Hespanha) por volta de 289 anos depois do dilúvio, ou 2059 antes de Cristo com o nome de Ebura ou Elbura (A. P. LEAL, 1874, p.89); outros autores, como A. GROMICHO (1962/1963, pp.29-30), defendem a teoria de que Évora foi fundada cerca de 700 a.C. quando várias tribos germanas seguindo os Celtas, chegaram à Península Ibérica. Uma destas tribos - os Eburones - terá ocupado a área hoje correspondente à Andaluzia, Alentejo central e parte da Estremadura e fundado algumas povoações cuja designação revela aquela origem, como é o caso de Évora, Elbura na Andaluzia, Ebura Britium (Óbidos) e Évora (no concelho de Alcobaça).

Estas duas hipóteses coincidem na denominação dos povos fundadores, mas a divergência verificada quanto à origem e à época de fundação da cidade parece indicar que se trata de interpretações diferentes.

Segundo T. ESPANCA (1987, p.11) as primeiras referências escritas sobre a cidade foram formuladas por Plínio, no século I, ao considerar, nos seus documentos, o aglomerado de Ebora Cerealis (nome que aponta para a fertilidade do seu termo) como um ponto fortificado importante, anterior ao período de domínio romano.

De qualquer modo, não há dúvida de que Évora tem origem muito remota, visto que a área da sua implantação apresentava, já na época neolítica, grande ocupação humana traduzida, nomeadamente, por diversos monumentos de carácter sagrado.

Posteriormente, Évora foi ocupada pelos Romanos tendo sofrido forte romanização numa época de grande importância para a cidade.

Estrategicamente bem localizada, já que a cidade se situava num ponto alto de

separação de três bacias hidrográficas importantes e simultaneamente no cruzamento de várias estradas militares, a sua posição favoreceu o interesse militar e levou a que, durante a ocupação romana, Évora adquirisse uma importância regional assinalável. Esta importância manifesta-se, na designação honorífica que o Imperador Júlio César atribuiu à cidade, no século I da era Cristã - Liberalitas Julia - e, ainda, na sua integração no Convento Emeritense como município de direito latino sendo então, segundo ANDRÉ RESENDE¹, os eborenses considerados, quase em tudo, cidadãos romanos.

Assim, à época romana correspondeu, em Évora, um desenvolvimento muito importante, tanto sob o ponto de vista sócio-económico, como artístico e monumental.

Deste período áureo para o desenvolvimento da cidade ficaram alguns vestígios que ainda persistem, sendo um dos principais o Templo Romano, provavelmente edificado no início do século III sob as influências culturais dos imperadores Trajano e Adriano e desconhecendo-se a que divindade teria sido dedicado (T. ESPANCA, 1987, p.14); alguns fragmentos da Cerca Velha, nomeadamente o Arco de D.Isabel e troços de vias militares romanas, designadamente junto do referido Arco de D. Isabel e debaixo da actual escadaria da Sé, datam também daquela época.

Existem ainda referências a um Arco de Triunfo romano, que teria sido erigido na Praça do Giraldo, e, posteriormente demolido por ordem do Cardeal D.Henrique, em 1570, bem como à existência de um Aqueduto que teria sido mandado construir em época de domínio romano, por Sertório, e sobre cujas ruínas viria a ser erguido um novo Aqueduto, mandado construir por D.João III e ainda hoje existente.

Apesar de pouco se conhecer da estrutura urbana da cidade durante o período romano², sabe-se que detinha uma posição central relativamente ao actual aglomerado, ocupando a sua parte mais elevada. Era limitada por uma cinta muralhada de cerca de 1080 m

¹ Referido por F. L. MELO (1965/1967, p.5).

² Ainda que V. MANTAS (1987, p.40) considere o caso de Eborá Liberalitas Iulia "o mais ilustrativo da sobrevivência de um traçado romano numa cidade portuguesa".

de extensão na qual se abriam quatro portas³, cuja localização procurando adaptar-se às condições topográficas, à estrutura viária exterior e à organização urbana interior, não permite uma clara definição dos eixos estruturantes das cidades romanas: o cardo (eixo N/S) e o decumano (eixo E/W). Todavia O. RIBEIRO (1986, p.381) acha admissível que a actual Rua 5 de Outubro, saindo em frente à Sé em direcção à Praça do Giraldo, com orientação E/W, corresponda ao decumano da cidade romana.

De qualquer forma sabe-se que as portas estavam orientadas segundo os pontos cardeais e delas partiam duas vias que se cruzavam no centro social da cidade - a Acrópole - compreendendo o Templo Romano e a área da actual Sé (fig. 1).

A cerca muralhada que, com pequenas alterações, defendeu as civilizações romana, goda e moura, tinha uma forma quase rectangular, sendo o seu lado oriental o mais irregular, dada a dificuldade de adaptação ao relevo; esta cerca envolvia uma área de sensivelmente 115.000 m².

O conhecimento da estrutura viária, que a partir das quatro portas desta cerca constituía os prolongamentos dos eixos interiores e assegurava a ligação da cidade a outros centros importantes, mostra a influência das antigas vias romanas na estrutura urbana futura. Refira-se que, de antigos caminhos exteriores, aquelas vias se transformaram em ruas principais quando a cidade, no seu crescimento, extravasou a cerca primitiva.

Por outro lado, a existência do já referido Arco do Triunfo parece evidenciar que, já naquela época, a actual Praça do Giraldo desempenhava um papel importante na organização urbana do aglomerado.

Segundo J. ALARCÃO (1974, p.72), Évora era na época romana a cidade da Lusitânia onde habitava o maior número de famílias de origem romana como por exemplo Júlia, Calpúrnia, Canidia e Catínia. No início do século IV, era sede de bispado, o que, mais uma vez, demonstra a supremacia e importância sócio-económica da cidade.

³ Segundo T. ESPANCA (1966, pp.9-10) referenciadas como Porta de D.Isabel, Porta da Praça Grande ou Selaria, Porta de Moura e Porta do Sol.

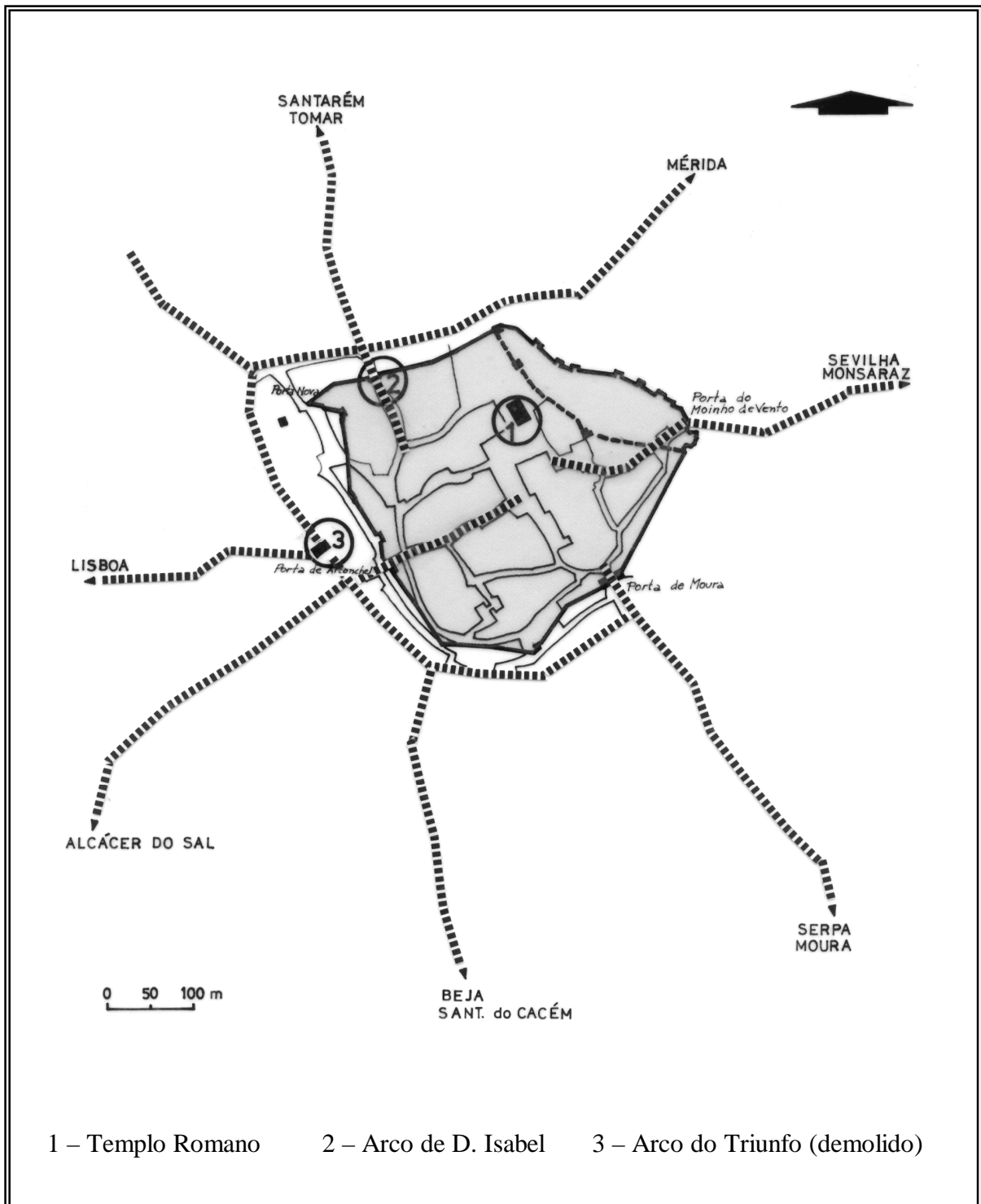


Figura 1 – A cidade romana

*Adaptado de: Plano Director de Évora, relat. n° 28 (1978/79)
Câmara Municipal de Évora*

2. A Cidade Muçulmana

Após a queda do Império Romano, Évora vai sofrer um longo período de domínio visigótico e árabe durante o qual decaiu bastante a sua importância cultural, apesar de se manter um centro económico e militar importante.

São poucos os testemunhos deixados pelo povo visigodo. Sabe-se, no entanto, que a cidade, então designada como Elbora ou Erbora continuou provavelmente a ser sede de diocese (O. RIBEIRO, 1986, p.383) e manteve a existência de uma casa da moeda onde se cunhava moeda de ouro e prata (T. ESPANCA, 1966, p.IX).

No aspecto defensivo parece que houve um reforço das fortificações romanas, manifestado quer pela grandeza do castelo godo-árabe localizado, segundo T. ESPANCA (1966, p.6), no extremo noroeste da área fortificada, no espaço do desaparecido Convento do Salvador (próximo da Porta Nova e da Praça de Sertório), quer pelas pequenas alterações e robustecimento de alguns troços da antiga cerca romana que continuou a defender a cidade, mesmo durante o período muçulmano.

Testemunhando esta época ficaram muitos topónimos árabes ou arabizados nomeadamente nos nomes das ruas (ex: Rua de Mahomud, Rua do Amauriz) e o uso tradicional da taipa e do adobe nas construções populares. Ficou igualmente uma descrição do "geógrafo" Edrici que fala da cidade de Yábura no início do século XII: "Esta última cidade é grande e bem povoada. Cercada de muros, possui um castelo e uma mesquita catedral. O território que a cerca é de uma fertilidade singular. Produz trigo, gado e toda a espécie de frutos e legumes. É uma região excelente onde o comércio é próspero quer em objectos de exportação quer em objectos de importação" (A. COELHO, 1972, p.69).

Este pequeno texto revela o carácter agrícola da cidade islâmica a qual teria também, como a maioria das cidades muçulmanas, uma forte função comercial pelo que naturalmente possuiria um "suq"- centro de actividade comercial. Segundo A. BEIRANTE (1988, p.18), "o velho suq eborense situava-se na actual Rua Diogo Cão e é possível que a mesquita-mor ocupasse o lugar da Sé".

Ainda segundo a mesma autora, o espaço urbano intramuros da cidade muçulmana estaria dividido em duas partes distintas: a alcáçova ou castelo, situada a leste e correspondendo a cerca de 1/8 da área total e a medina, ou cidade propriamente dita,

ocupando o espaço restante.

Por seu lado, a área urbana extramuros era constituída pelos arrabaldes diferenciados pelas suas comunidades e localizados ao norte (o arrabalde moçárabe de S. Mamede), a oeste (o arrabalde judeu) e ao sul, junto à Porta de Moura (o arrabalde muçulmano). Estes arrabaldes irão constituir, mais tarde, os núcleos em que assentou o desenvolvimento da cidade cristã.

A influência muçulmana no traçado urbano foi progressivamente sendo mais marcante, sobrepondo-se à organização da cidade romana; exemplo disso é, segundo O. RIBEIRO (1986, p.384) a antiga Rua da Selaria (actual Rua 5 de Outubro) que, mantendo aproximadamente a posição do decumano, passou a apresentar, em lugar de um rigoroso alinhamento, o traçado sinuoso e largura variável característicos da cidade muçulmana.

Embora quase toda a cidade intramuros apresente traçado irregular, na área onde a influência islâmica mais perdurou, a Mouraria, esse carácter é mais evidente, dominando ruas estreitas e de direcção irregular, com bruscos alargamentos ou súbitas mudanças de orientação, desembocando, às vezes, em pátios ou becos sem saída. Mais do que noutros sectores, é na antiga Mouraria que melhor se assinala a concepção muçulmana da cidade. De facto, as ruas estreitas são mais ensombradas, defendendo os habitantes das elevadas temperaturas e, por outro lado, a sobrevalorização da casa em detrimento da rua leva a que esta seja encarada, sobretudo como o espaço necessário entre as habitações e que se tem que adaptar à evolução destas, mesmo que daí resulte a redução da largura, a brusca alteração do sentido ou o desalinhamento de arruamentos confinantes.

Confirmando o que anteriormente foi dito sobre a importância económica e demográfica de Évora durante o domínio árabe, assinala-se a relativa extensão da referida Mouraria, onde na sequência da Reconquista Cristã, se terá instalado uma boa parte de população de menores recursos (a pobreza e carácter rural das casas assim leva a supor), enquanto outra terá contribuído para uma maior intensidade de utilização da orla periférica semi-rural, ocupada pelas hortas e quintas de abastecimento à cidade.

A ocupação árabe terminou em 1165, quando Giraldo Sem Pavor conquistou a cidade e a integrou na coroa de D.Afonso Henriques.

Évora iria conhecer um novo período de desenvolvimento e reforçar a sua posição na rede urbana do país.

3. A Cidade Medieval

O primeiro monarca português converteu a cidade num centro estratégico e político importante, concedendo-lhe foral, logo em 1166, e estabelecendo nela a sede da Ordem Militar de São Bento de Calatrava, que, mais tarde, se transformou em Ordem de Avis.

Marcando o início do domínio português, a primeira grande obra edificada foi a Sé, fundada em 1204.

Posteriormente a importância da cidade levou a que aqui se fixasse temporariamente a corte nos reinados de D.Afonso III, D.Dinis, D.Afonso IV, D.Pedro I e D.Fernando, o que obviamente contribuiu para o seu desenvolvimento e enriquecimento.

Esta crescente importância da cidade e o seu poder atractivo, conduziam a movimentos migratórios em relação a Évora, tal como acontecia em grande parte das cidades europeias, e rapidamente o casario é obrigado a extravasar das muralhas. De facto, a malha urbana do interior da Cerca Velha foi, progressivamente, completada, e a limitação do espaço levou à instalação, fora dos muros, de alguns conventos, como S. Francisco e S. Bento de Castris no século XIII, e S. Domingos no século XIV.

Por outro lado vão-se expandindo os arrabaldes que se haviam formado ao longo do período de domínio muçulmano. São, sobretudo, as comunidades moura e judaica que primeiramente se instalaram nestes arrabaldes, fora das muralhas, constituindo nas vastas áreas de jurisdições paroquiais de S. Mamede e Stº Antão, núcleos populacionais muito significativos (fig. 2).

A comunidade moura fixa-se nos quarteirões a norte da Igreja de S. Mamede, entre as ruas da Corredoura, da Mouraria e das Alcaçarias, eixos onde se localizavam os seus principais estabelecimentos comerciais e fabris. Alguns traços da antiga Mouraria estão ainda ali patentes, nomeadamente, como foi referido, nas ruas estreitas e com bruscos alargamentos, nos cruzamentos desencontrados, nos becos, nos pátios e pequenos quintais, mas também, nos pequenos e simples estabelecimentos comerciais.

A Judiaria de Évora - a Aljama - era, como refere T. ESPANCA (1966, p.258), uma das mais importantes e populosas do reino, nos séculos XIV e XV, e ocupava os quarteirões ocidentais, compreendidos entre as actuais ruas de Serpa Pinto e do Raimundo.

Este bairro era atravessado por duas ruas paralelas, a do Tinhoso (hoje Rua da Moeda) e a dos

Mercadores, que se ligavam entre si, e às referidas ruas limítrofes, por travessas e becos transversais. O centro da vida da comunidade judaica era a sinagoga que se localizava entre as actuais ruas da Moeda e dos Mercadores, na Travessa do Barão. Com a expulsão dos Judeus, desapareceu a sinagoga, bem como a maior parte dos elementos arquitecturais dessa época.

Progressivamente, a estrutura urbana vai-se definindo, acentuando-se a importância das principais praças públicas (Pr. do Giraldo e Largo das Portas de Moura) e do eixo de ligação destas entre si e aos Conventos de S. Domingos e S. Francisco. Este eixo é constituído pela Rua da Porta Nova (actual Rua Elias Garcia), Rua Ancha (actual Rua João de Deus), Rua do Paço (actual Rua da República) e Rua dos Infantes (actual Rua Miguel Bombarda) (fig. 2).

Foi neste período que se construíram as arcadas que ladeiam a Rua João de Deus (antiga Rua Ancha) e a Praça do Giraldo. Também as antigas estradas de ligação ao exterior são, cada vez mais, vias urbanas, desenvolvendo-se em seu redor quarteirões de dimensões e estruturas regulares, com uma tipologia urbanística característica, pontualmente quebrada por edifícios de maior representatividade (C.M.E., 1978/1979, relatório nº 28, p.1.6).

Apesar da relativa regularidade dos quarteirões, o processo da expansão urbana naquela época, não ocorreu, tal como na maioria das cidades medievais, de forma planificada; com efeito, é a partir das portas existentes e integrando na estrutura urbana os antigos caminhos, que se vão, progressivamente, constituindo os novos sectores urbanos.

A cidade de Évora era, assim, constituída por duas partes distintas: a cidadela, contida dentro da muralha romano-goda, onde o centro urbano começou; e a periferia, de expansão livre, formando os arrabaldes até meados do século XIV, quando a construção de uma nova cerca possibilitou a sua integração na cidade.

Com efeito, a extensão dos sectores urbanos situados fora da Cerca Velha fez sentir a necessidade de se construir uma nova cintura de muralhas. Esta foi iniciada cerca de 1350, no reinado de D.Afonso IV prolongando-se a construção por aproximadamente um século, já que, só no reinado de D.Afonso V foi concluída (cerca de 1440). Segundo T. ESPANCA (1945, p.56), a designação de muralha fernandina deve-se ao maior incremento da sua construção durante o reinado de D.Fernando (15 a 20 das torres são dessa época); com efeito, por ordem deste monarca, foi aberta e destruída parte da Cerca Velha para utilizar os materiais na nova muralha. Ficando assim a cidade desprotegida, urgia acelerar a construção dos novos muros.

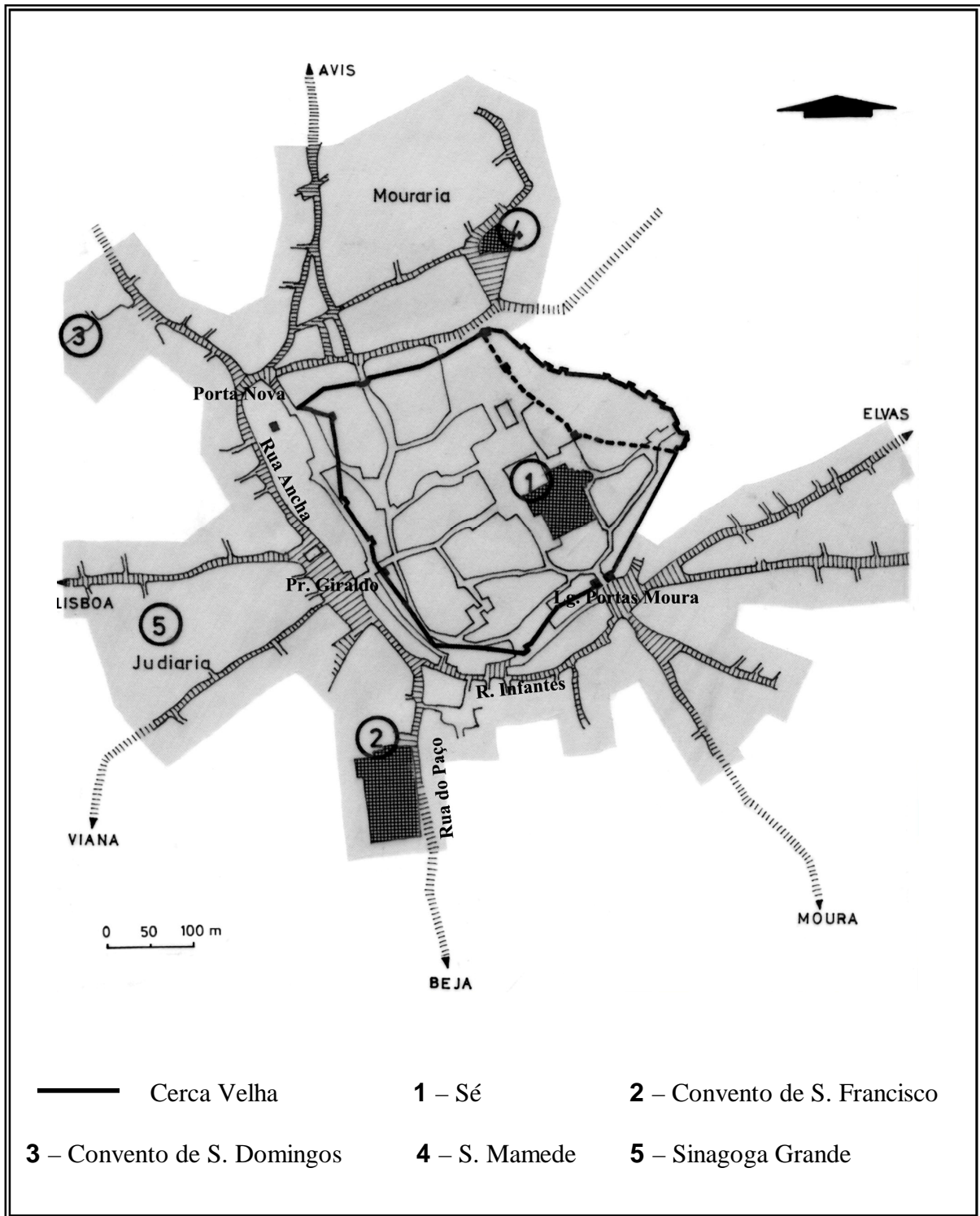


Figura 2 – A cidade no Século XIV

Adaptado de: *Plano Director de Évora, relat. n.º 28 (1978/79)*
 Câmara Municipal de Évora

A Cerca Nova descrevia um polígono irregular de cerca de 3500 m de perímetro e abria-se para o exterior por dez portas e um postigo⁴. Envolvia a Cerca Velha excepto numa parte, a leste, onde as duas cercas coincidem, abrindo-se para o exterior pelas portas do Moínho de Vento e da Traição. A Cerca Nova⁵ era rodeada por fossos e barbacãs e reforçada por 35 a 40 torres de diferentes secções (redondas e quadrangulares).

Com a construção desta cinta de muralhas toda a cidade ficou protegida e claramente delimitada.

Évora apresentava-se, pois, como uma cidade muralhada, de planta rádio-concêntrica, em que o processo de formação contou com antecedentes romanos e islâmicos. A cidade cristã desenvolveu-se a partir do núcleo antigo romano (quintuplicando-lhe a área) que permaneceu como centro geográfico e vital de toda a área urbana. Como pólos secundários de desenvolvimento da expansão urbana apresentam-se, como já se referiu, as Praças do Giraldo e das Portas de Moura e os Conventos de S. Francisco e S. Domingos. Também a Igreja de S. Mamede e o velho aqueduto da Rua do Cano, tiveram, segundo A. BEIRANTE (1988, p.145) um papel importante como pólos de desenvolvimento urbano.

Todo este desenvolvimento contribuiu para que a cidade medieval detivesse na época, grande importância na estrutura urbana nacional. De facto, D.João I classificou-a como a segunda cidade do reino (no fim do século XV, Évora teria cerca de 10000 habitantes) e D.Afonso V escolheu-a para quartel-general das suas campanhas militares.

Tal como em muitas cidades medievais, também em Évora havia, como foi mencionado, os bairros dos grupos segregados por motivos religiosos: a Mouraria e a Judiaria - bairros relativamente autónomos, onde só viviam pessoas da mesma religião, sempre afastados um do outro. De facto, como diz S. CARVALHO (1989, p.42) "As judiarias tendiam a ser instaladas nas áreas mais frequentadas da cidade, próximas das artérias principais, dos centros administrativos e financeiros, ao passo que, as mourarias, se situavam habitualmente

⁴ *Portas de Alconchel ou de Lisboa, do Raimundo, de São Brás ou do Rossio, da Mesquita ou da Piedade, de Mendo Estevens, de Machede ou da Natividade, da Traição, do Moínho de Vento, de Avis e da Lagoa e Postigo dos Penedos (T. ESPANCA, 1945, pp.61-62).*

⁵ *Esta cerca foi parcialmente destruída durante o século XVII, tendo chegado aos nossos dias alguns dos seus troços bem como uma das portas - a de Avis. Esta, posteriormente foi reformada mas mantém-se completa, bem como a pequena ermida de Nossa S^a do Ó que lhe está anexa.*

em zonas de arrabaldes, ou em zonas limítrofes de vilas e cidades". É o que acontece também na cidade de Évora, e parece justificar-se atendendo às principais actividades a que se dedicam estas duas comunidades: os muçulmanos essencialmente dedicados à actividade agrícola, e os judeus, sobretudo ao comércio e artesanato.

Os espaços de circulação eram constituídos pelas ruas principais que são, sobretudo, as que irradiam das portas da Cerca Velha (ruas de Avis, Lagoa, Alconchel, Raimundo, Corredoura, Mesquita, Mendo Estevens e Machede) e por um conjunto de ruas de menor importância designadas por travessas, que fazem as ligações das ruas principais. Na definição da importância das ruas, a sua função tinha, na cidade medieval, um papel importante.

Segundo A. BEIRANTE (1988, p.147) "no topo dessa hierarquia estão as ruas direitas de intenso movimento comercial", e em Évora conheciam-se, nos séculos XIV e XV, pelo menos três ruas direitas: a Rua Ancha, a Rua Direita da Judiaria e a Rua Direita da Mouraria.

Com frequência se verifica que nas cidades medievais os "mesteres" tendem a agrupar-se por ruas, pelo que o nome destas, muitas vezes, tem a ver com a actividade principal que aí se desenvolve, como por ex.: Rua dos Mercadores, Rua da Selaria, Rua das Alcaçarias, Rua das Adegas.

No entanto nem sempre acontecia assim; na figura 3, adaptada de A. BEIRANTE (1988, p.593), apresenta-se a localização de lugares de armazém, transformação e distribuição nos séculos XIV e XV, sendo evidente a disseminação de alguns estabelecimentos, como por exemplo, os lagares.

De notar, igualmente, a posição predominantemente periférica dos currais, localizados com frequência junto às portas principais de entrada na cidade.

A figura referida permite verificar a grande concentração de tendas na Praça (do Giraldo) e nos troços da Rua dos Mercadores (actual Rua da República) e da Rua dos Odreiros (actual Rua João de Deus) mais próximos e, ainda, na Rua da Selaria (actual Rua 5 de Outubro). Se esta situação ocorre igualmente nos nossos dias o mesmo não acontece com a área envolvente do Templo Romano, onde a concentração comercial então registada deixou de se verificar.

Na Idade Média existia uma estreita ligação entre a manufactura e a comercialização dos produtos, já que, com frequência, a oficina do artífice era também o local de venda.

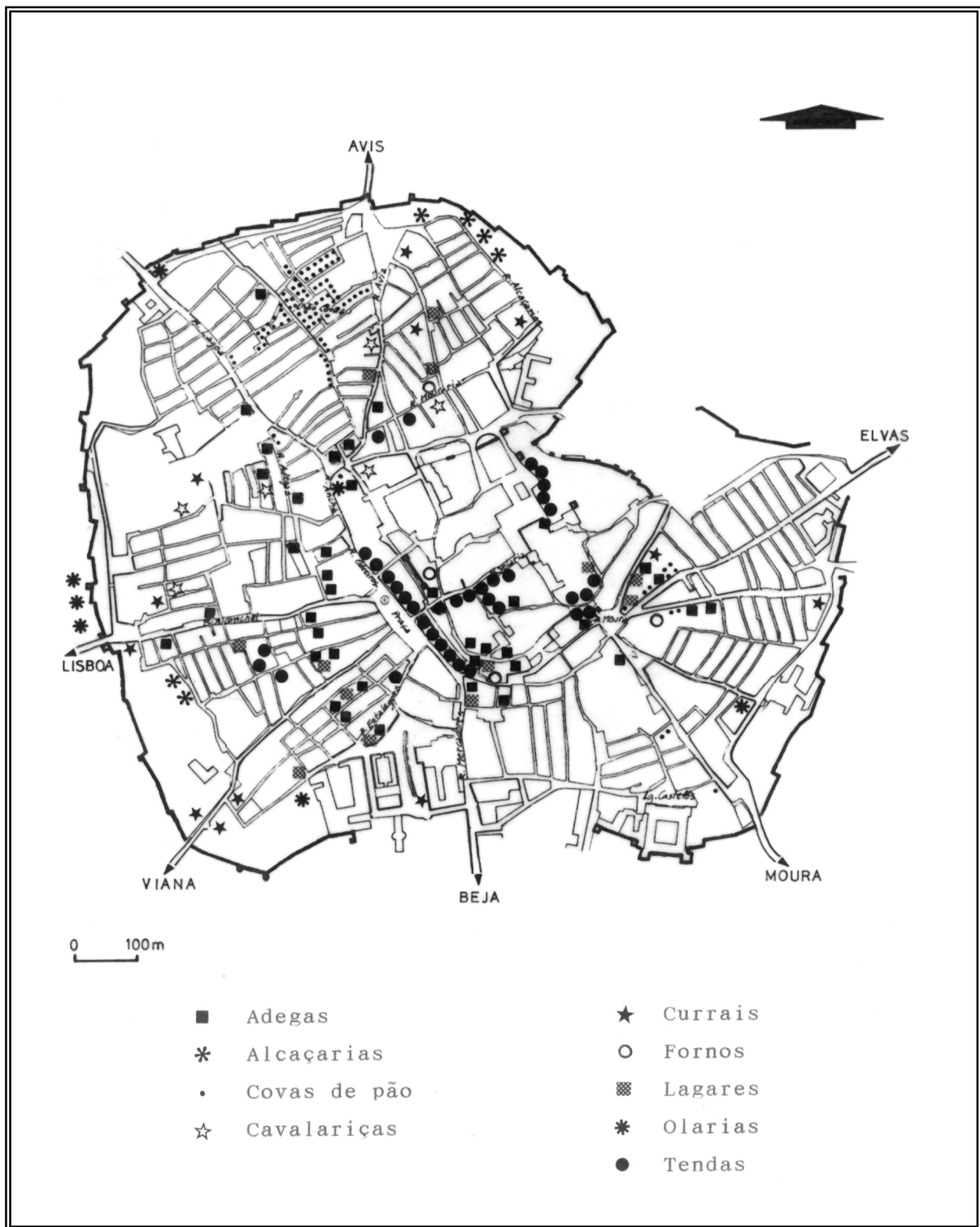


Figura 3 – Ocupação funcional nos séculos XIV e XV: comércio, armazenagem e transformação

Adaptado de: A. BEIRANTE, 1988, P. 593

Em Évora quase todos os ofícios medievais eram exercidos; de facto, como refere S. CARVALHO (1989, p.59), o Regimento das Procissões de Évora, documento datado do século XV, mostra que apenas alguns mestres não eram exercidos na cidade, em certos casos por injustificados, como é o caso das tarefas ligadas à construção e manutenção de embarcações.

A lista de ofícios que, de certa forma, pretende simultaneamente ordená-los hierarquicamente regista 18 grupos profissionais, com os ourives e picheleiros a ocupar o topo. Note-se que os trabalhadores ligados à construção civil ocupavam posição de relativo destaque (3º e 4º lugar), enquanto profissões ligadas à produção/preparação de hortaliças, frutas e carne eram pouco conceituadas.

No que respeita aos arruamentos, algumas referências são testemunho do mau estado dos pavimentos das ruas medievais eborenses, pois, até ao século XV, todas elas eram de terra batida, e, em algumas, as águas abriam sulcos no chão. Foi, possivelmente, por meados do século XV que terão ocorrido os primeiros calcetamentos de ruas em Évora, o que, de resto, não pode considerar-se um procedimento tardio, mesmo a nível nacional. Com algum rigor é conhecida uma decisão régia de 1461 referente ao calcetamento das ruas da Selaria (5 de Outubro) e dos Mercadores (República). Porém o ritmo de calcetamento era lento e, no século XVI apenas as ruas mais importantes deveriam estar pavimentadas (A. BORGES, 1988, pp.101-103).

Os edifícios que se encontram nas ruas das cidades medievais são, em grande parte, só de um piso, e também aqui, Évora não foge à regra. Apenas nos locais mais nobres da cidade, como seja junto à Sé, na Rua da Selaria, no eixo constituído pela Rua Direita (actual Rua João de Deus), Praça do Giraldo e Rua dos Mercadores (actual Rua da República) surgiam, com mais importância, edifícios de dois pisos.

As praças públicas eram poucas e de dimensões reduzidas na cidade medieval, situando-se as principais na Porta de Moura, na Porta de Alconchel e na Porta Nova. No fim do século XIII começou a individualizar-se uma praça, de maiores dimensões, e aberta à circulação, que é a grande praça, actualmente denominada Praça do Giraldo.

Para além das ruas e praças, outros espaços não construídos surgiam, igualmente, como elementos definidores da malha urbana: inúmeras hortas e ferragiais contribuía significativamente para o abastecimento da cidade, enquanto alguns logradouros valorizavam solares e outras residências nobres.

Saliente-se também a importância que, sobretudo a partir do século XVI, o Rossio foi adquirindo como local de realização de feiras e mercados, funcionando como elemento de interligação entre a cidade e o mundo rural envolvente. Essa interligação era, de resto, facilitada, porque o Rossio de Évora, localizado junto a uma das principais portas da Cerca Nova, comunicava directamente com a Praça Grande (actual Praça do Giraldo) que, já nessa altura, concentrava as principais funções administrativas e económicas da cidade.

Évora medieval era, como a maioria, uma cidade muito ligada ao campo em volta, com grande percentagem da população dependente da agricultura; no entanto funcionava, também, como local de comércio e artesanato. Tinha feira anual (desde 1275) a qual começou por ter duração de 15 dias realizando-se inicialmente no local onde hoje é a Praça do Giraldo, transitando, mais tarde, para o actual Rossio, e uma feira semanal que se realizava, ao ar livre, todos os domingos e segundas feiras, segundo A. BEIRANTE (1988, p.626). O abastecimento diário fazia-se nos açougues, mercados permanentes que evidenciam influências da organização urbana islâmica. Em Évora, a dimensão e localização dos açougues variou consoante a época; um dos locais onde, durante vários séculos, estiveram instalados açougues públicos foi o Templo Romano, que para esse efeito sofreu obras de adaptação. Mais tarde (no século XVII) também na Praça (hoje do Giraldo) mais importante foram construídos novos açougues, reforçando a sua crescente concentração de estruturas comerciais.

4. A Cidade no Século XVI

Se o prestígio da cidade em termos nacionais era já notório no século XV, o século XVI constitui o culminar desse período de riqueza e importância política, económica, cultural e artística. Este facto deve-se à escolha da cidade de Évora, durante este século, para estadas

prolongadas da corte, o que originou a construção do Paço Real (Palácio de D.Manuel), bem como de inúmeros palácios e casas solarengas de residência de nobres, conventos, igrejas, colégios e outros edifícios notáveis.

Refira-se a propósito da localização do Paço Real que a opção pela zona do Convento de S. Francisco, em detrimento do sector urbano mais antigo, onde se concentrava grande parte das residências nobres, levou a um rápido desenvolvimento urbano daquela área, reforçando uma tendência para maior dinamismo que esta parte nova, a sul e poente da cidade, vinha evidenciando. Não será, no entanto, alheia à opção tomada a maior disponibilidade de terreno e o apoio decorrente da proximidade do convento.

É também deste período que data a fundação da Universidade, concretizada com o patrocínio do Cardeal D.Henrique, que a entregou à docência da Companhia de Jesus; as instalações universitárias ocuparam um terreno então vago, provavelmente devido às condições topográficas desfavoráveis. E ainda desta época é o Aqueduto da Água de Prata, inaugurado em 1537, depois de a sua construção ter provocado algumas alterações da malha urbana, de que é exemplo a abertura das actuais Rua do Salvador e Rua Nova.

Outras construções importantes que marcaram este século são: o Castelo Manuelino (Quartel dos Dragões), o Real Colégio de Nossa Senhora da Purificação (Seminário Maior), o Palácio dos Morgados da Mesquita (Quartel General da Região Militar do Sul), os Conventos da Graça e do Calvário, as Igrejas de Santo Antão e da Misericórdia e um elevado número de palácios e solares, que se espalharam por toda a cidade, ainda que, preferencialmente, por determinadas zonas, como as proximidades do Paço Real, a área mais antiga perto da Sé, e as ruas dos Infantes e do Raimundo (fig. 4).

É deste período que datam três chafarizes monumentais: o das Portas de Moura, a Fonte das Portas de Avis e a Fonte da actual Praça do Giraldo, chamada Praça do Pão, no século XVI.

Nesta praça se situava então a Câmara, inaugurada em 1517, e a Cadeia Comarcã, bem como o Pelourinho, que estando inicialmente defronte do Arco Romano, foi transferido para o lado oposto da Praça, aquando da demolição daquele arco, por ordem do Cardeal D.Henrique.

A estrutura urbana da cidade, neste século, caracteriza-se pelo atenuar da separação

entre os sectores interiores e exteriores à Cerca Velha, constituindo-se, cada vez mais, a Praça do Giraldo (onde se localizavam os edifícios dos Paços do Concelho e da Prisão) e, secundariamente, o Largo das Portas de Moura, como principais núcleos de concentração da actividade urbana; conseqüentemente, verifica-se um reforço como principal eixo urbano do percurso de ligação daqueles espaços, prolongado para noroeste, em direcção ao Convento de S. Domingos e para sul, em direcção ao Palácio Real.



Figura 4 – A cidade no Século XVI

*Adaptado de: Plano Director de Évora, relat. n° 28 (1978/79)
Câmara Municipal de Évora*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, J. (1974) - *Portugal Romano*, Gris Impressora, Lisboa.
- BEIRANTE, A. (1988) - *Évora na Idade Média*, Dissertação de Doutoramento em História, F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, polic..
- BORGES, A. (1988) - *Évora. Da Reconquista ao Século XVI*, Trabalho apresentado em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Évora, polic..
- CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA (1978/1979) - *Plano Director de Évora*, Relatório nº 28.
- CARVALHO, S. (1989) - *Cidades Medievais Portuguesas - uma introdução ao seu estudo*, Livros Horizonte, Lisboa.
- COELHO, A. (1972) - *Portugal na Espanha Árabe*, vol. I, Seara Nova, Lisboa.
- ESPANCA, T. (1945) - "Fortificações e Alcaldarias de Évora", *Boletim A Cidade de Évora*, nº 9-10, Évora, pp. 41-90.
- ESPANCA, T. (1966) - *Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora*, Academia Nacional das Belas Artes, Lisboa.
- ESPANCA, T. (1987) - *Évora, Arte e História*, Câmara Municipal de Évora.
- GROMICHO, A. (1962/1963) - "Origens da Cidade de Évora", *Boletim A Cidade de Évora*, nº 45-46, Évora, pp. 29-32.
- LEAL, A. P. (1874) - *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, Liv. Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa.
- MANTAS, V. (1987) - "As Primitivas Formas de Povoamento em Portugal", in *Povos e Culturas*, vol. 2, dirigido por MATOS, A. e MEDEIROS, C., Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, pp. 13-55.
- MELO, F. L. (1965/1967) - "Determinação da Zona de Influência de Évora", *Boletim A Cidade de Évora*, nº 48-50, Évora, pp. 1-48.
- MONIZ, M. (1984) - *A Praça do Giraldo*, Gráfica Eborense, Évora.
- RIBEIRO, O. (1986) - "Évora. Sítio, Origem, Evolução e Funções de uma Cidade" in *Estudos em Homenagem a Mariano Feio*, coordenação de SOEIRO de BRITO, R., Lisboa, pp. 371-390.